

# A VIDA INVISÍVEL

---

POR **Guillaume Poix**

TRADUÇÃO DE  
Joana Frazão

**D.M<sup>II</sup>**

TEATRO  
NACIONAL  
D. MARIA II

BICHODCMATO

*Aparece Thierry.*

**THIERRY** Boa noite, chamo-me Thierry, tenho cinquenta e cinco anos. Vivo em Valence, no Drôme, e tenho uma deficiência visual. Perdi completamente a visão há cerca de quarenta anos. Recebo uma pensão de invalidez, trabalhei durante muito tempo na inserção profissional de pessoas com deficiência. Desloco-me com uma bengala. Ainda não tenho um cão-guia.

Em fevereiro de 2020, participei numa série de encontros organizados pela Comédie de Valence. Éramos uma dúzia de espectadores com deficiência visual e estávamos ali para falar com uma equipa de teatro sobre as nossas experiências. Eles estavam a arquitetar um espetáculo que questionasse a perceção da realidade – um programa ambicioso! Por um lado, achavam que o facto de uma pessoa não poder ver talvez implicasse uma relação distorcida com a realidade. Que, ao serem amputados do sentido considerado mais fundamental, os deficientes visuais só poderiam perceber de maneira limitada. Mas também vinham com a ideia, bastante difundida, de que compensaríamos sem dúvida essas falhas com outras faculdades, de que éramos, como dizê-lo, uma espécie de médiuns que praticam a telepatia. Estou a brincar, mas quantos de vocês acham que tenho poderes sobrenaturais? Que sou clarividente ou coisa do género? Muitas vezes, nas histórias, os cegos são adivinhos, sábios ou profetas. Imagino que, para quem vê, postular isto proporciona uma certa tranquilidade. Para a maioria das pessoas, perder a visão é uma das coisas mais aterrorizadoras que existem. E vocês, o que é que acham? Será que confiam sempre no que veem? Por exemplo, será que eu sou mesmo cego? Será que faço bem de cego? Estou a ver que algumas pessoas começam a ter dúvidas. Estou a brincar...

A única voz um pouco fora do vulgar que eu ouço é a do meu sintetizador de voz.

O sintetizador de voz é um programa que permite digitalizar um documento ou uma mensagem e transmitir-me o seu conteúdo. Fica assim (*voz robótica*): «Quando, pela primeira vez, tomei conhecimento do texto da peça, este mesmo que estão a ouvir agora, o ator amador com deficiência visual que sou teve de usar o seu *scanner* de voz.» Agora estou com a velocidade a 30%, mas podemos acelerar o débito e passar para 60%, por exemplo. (*Voz robótica*) «Foi um pouco estranho, porque ia redescobrimo tudo o que tinha dito à equipa quando nos encontrámos, mas reescrito pelo autor e debitado por uma voz artificial. A minha vida tinha-se tornado uma história. Ouvia-a para a decorar e para ser capaz de a repetir todas as noites em frente das pessoas, como se a contasse pela primeira vez, na companhia da Chloé e do Romain.»

A Chloé e o Romain, os dois atores, vão vê-los daqui a nada. Agora já os conheço bem, apesar de nunca os ter visto com os meus olhos. (*A descrição que faz dos intérpretes não corresponde totalmente à aparência deles*) O Romain, sei que é alto. Diria mesmo que é enorme. Raramente se encontram homens tão grandes. Também é magro. Diria que tem cabelo preto e cortado rente, talvez um pouco à militar. Com grandes olhos azuis.

A Chloé, vejo-a loira, não sei porquê, de cabelo encaracolado, certamente de formas arredondadas. Acho que a voz dela tem qualquer coisa de espanhol. É uma voz violeta. De Parma. Há um tom, uma cor na garganta, como que um aveludado de clarinete. Nota-se na acentuação das palavras, algo de tónico, assertivo. Quando me propuseram participar no espetáculo com eles, disse que sim. Mas logo desde as primeiras sessões de trabalho,

senti algum pudor. Para descodificar com eles a minha maneira de ver as coisas, ia ter de falar da minha vida privada. E tive medo que instrumentalizassem a minha condição.

Por isso, sugeri falar-lhes antes das minhas memórias de espectador. Porque eu adoro teatro. Vou ao teatro desde pequenino com a minha mãe. Ela era apaixonada por teatro e levava-me com ela muitas vezes. Morreu quando eu tinha vinte e dois anos. É um pouco cedo para se perder a mãe. O que eu não daria para passar uma hora com ela e olhá-la com as mãos. Digo olhar com as mãos porque, para ver, eu tenho de tocar. Hoje em dia, só raramente o faço, e tenho saudades.

Lentamente, coloco as palmas das mãos na testa. Deixo as mãos deslizarem. Os meus dedos seguem os traços do rosto, afloram a cana do nariz, as narinas, as maçãs do rosto, as bochechas, o queixo. Depois volto a subir. Percorro então as sobrancelhas, acaricio os olhos, a boca, sigo-lhes os contornos, e faço-o várias vezes. Exige tempo, demora mais do que um simples olhar. E é muito íntimo. Temos de nos deixar ir, temos de pôr os olhos nos dedos e confiar no arrepio, no estremecimento. Para ver, é preciso deixarmo-nos dominar pela emoção do contacto.

Com os meus filhos, nem sempre me atrevo a fazê-lo. Então, em vez disso, dou-lhes um abraço muito forte. É uma necessidade verdadeiramente irreprímível, como que para compensar tudo o que não podemos dizer uns aos outros com o olhar.

Em contrapartida, estou sempre a olhar para o meu próprio rosto. Persigo as rugas, sobretudo à volta dos olhos. Demoro-me a tentar imaginar a cara que tenho agora. Lembro-me do meu rosto, mas sinto que me escapa com o passar do tempo. Talvez um dia não tenha qualquer imagem dele. Acho que isso me perturba cada vez menos.

Mas enfim, falei-lhes das minhas memórias de espectador e de um espetáculo em particular. Era a história de um casal, acompanhávamos um momento crítico da vida deles, era muito forte, impressionou-me porque, mesmo sem compreender todas as implicações na altura, tive a impressão de que estavam a viver coisas intensas. Eu já não sabia quem era o autor nem o encenador, não me lembrava do nome da peça nem das personagens, não era capaz de dizer se era um clássico ou uma peça mais moderna, só contei o que me ficara daquela peça e porque é que me tinha marcado tanto.

Então eles decidiram que esse seria o ponto de partida do nosso projeto: tentar, a partir das minhas descrições, reconstituir a memória de um espetáculo apreendido por uma pessoa com deficiência visual. Na altura, não sabíamos onde isso nos ia levar. Passava-se em pleno verão. Na sala de estar de uma casa perto do mar. Ou de um lago. Na orla de uma pequena enseada. Era de manhã. As janelas da sala davam para o espaço aberto, viam-se ao longe as montanhas na bruma da manhã e a água, imóvel, que cintilava.

**CHLOÉ** Fico contente por teres voltado.

**ROMAIN** Também eu.

**CHLOÉ** Mudaste.

**ROMAIN** Havia qualquer coisa que me retinha.

**CHLOÉ** Ainda nem sequer me tocaste.

**ROMAIN** Negligenciei-vos aos dois.

**CHLOÉ** Há qualquer coisa que não me estás a dizer.

**ROMAIN** Vou fazer dele um homem.

**CHLOÉ** Tenho a impressão de que está a piorar.

**ROMAIN** É normal ele cair. Tem de ultrapassar os seus limites.

**CHLOÉ** Preciso que voltemos a ser um casal a sério.

**ROMAIN** A partir de agora, a única coisa entre nós vai ser ele.

**THIERRY** Alguns dias depois do início dos ensaios, recordei à equipa que a minha memória da peça estava intimamente ligada à minha mãe. Foi um dos últimos espetáculos que vi com ela. Não sei se já repararam nisso. Quando vemos uma peça com alguém, somos influenciados pelo olhar dessa pessoa sobre a peça. Essa sensação é ainda mais marcante quando temos uma deficiência visual, porque o nosso acesso à peça depende em grande medida do olhar de outra pessoa. Na altura, os teatros ainda não estavam equipados com sistemas de audiodescrição, por isso vi esse espetáculo em grande medida através dos olhos da minha mãe, porque ela me descrevia o que eu não conseguia ver. Ainda a oiço a sussurrar-me certos pormenores. Estão muito próximos um do outro, mas é como se não se conseguissem tocar. Hesitam. A mulher parece muito comovida e o homem tem um olhar fugidio, parece que não está realmente ali.

**CHLOÉ** Fico contente por teres voltado.

**ROMAIN** Também eu.

**CHLOÉ** Escreveste?

**ROMAIN** Nem por isso.

**THIERRY** Ela fecha o punho para segurar o choro. Acho que me lembro de ela lhe dizer que a escrita é apenas uma desculpa e que, no fundo, ele não a ama. Mas terá sido um comentário da minha mãe durante a cena ou a atriz disse-o realmente? Já não sei bem.

**CHLOÉ** Foi para poderes escrever que te deixei ir embora.

**ROMAIN** Sim, eu sei.

**CHLOÉ** O Thierry também diz que, nesta altura da peça, a mulher lhe relembra que, desde o nascimento do filho, ele estava sempre a repetir que se sentia travado. Que estava a sufocar. Ela recordava todo o tempo que ele tinha passado fechado no escritório sem conseguir escrever. Ela referia isso. Tudo o que o distraía do seu projeto de escrita. A casa, os barulhos, a vida quotidiana. A criança. Ela. Eu.

**ROMAIN** Achei que era suficiente ir-me embora. Viver sozinho. Achei que era essa a vida que queria, mas apercebi-me de que —

**CHLOÉ** De que me amas de verdade?

**ROMAIN** O que é que ele está a fazer? A correr, a brincar?

**CHLOÉ** Sim, está no jardim.

**ROMAIN** Sozinho? Sem supervisão.

**CHLOÉ** Ele cresceu, sabes. Já tem quatro anos. Festejámos o aniversário dele no mês passado. Depois, nessa altura, aparentemente ela dizia-lhe: «Estive à tua espera.» Queixava-se da ausência dele, mas ele não respondia, mantinha-se em silêncio, nem sequer dizia, tive saudades tuas. Então ela resignava-se e dizia, com uma voz sumida, ele vai ficar tão contente por te ver.

**ROMAIN** Vou brincar um bocadinho com ele.

**CHLOÉ** Acho que está a piorar.

**ROMAIN** O quê?

**CHLOÉ** Sabes muito bem. O que se passa?

**ROMAIN** Nada.

**CHLOÉ** O quê?

**ROMAIN** Nada. Estás a preocupar-te sem necessidade.

**THIERRY** Ela sabia que ia acontecer assim.

**CHLOÉ** Há qualquer coisa que não me estás a dizer.

**ROMAIN** Que ideia.

**CHLOÉ** Tenho a certeza.

**ROMAIN** Estás preocupada. Como é costume. Preocupas-te demais.